



ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

DÉBORA GABRIELA MAIA DE ALMEIDA

UMA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DE CUNHO
MONOGRÁFICO

Salvador
2017

DÉBORA GABRIELA MAIA DE ALMEIDA

**UMA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DE CUNHO
MONOGRÁFICO**

Trabalho apresentado para conclusão de
Curso da pós graduação em
Psicopedagogia da Escola Bahiana de
Medicina e Saúde Pública, como requisito
parcial para obtenção do grau de pós
graduada em Psicopedagogia.

Salvador
2017

SUMÁRIO

| | | |
|---|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 3 |
| 2 | DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM | 4 |
| 3 | CONCEITO DA PSICOPEDAGOGIA | 7 |
| 4 | TEORIA DA EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE | 10 |
| 5 | RELATÓRIOS DA AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA | 15 |
| | 5.1. CRONOGRAMA DA AVALIAÇÃO | 15 |
| | 5.2. REGISTRO DA ENTREVISTA CONTRATUAL | 15 |
| | 5.3. PROTOCOLOS DE REGISTRO | 18 |
| | 5.4. INFORME PSICOPEDAGÓGICO | 45 |
| | 5.5. DEVOLUTIVA | 47 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 49 |
| 7 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 50 |

1. INTRODUÇÃO

No tocante, o trabalho desenvolvido emergiu a partir do estágio supervisionado vivenciado no Serviço de Psicologia (SEPSI) da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP) do curso de Psicopedagogia, sucedido de uma avaliação psicopedagógica realizada em uma criança que apresentou uma queixa, informada pela família, de dificuldade na área da aprendizagem. Dessa forma, foi usada como base teórica a Epistemologia Convergente, de Jorge Visca, que trouxe subsídios para desenvolver os atendimentos psicopedagógicos.

Ademais, compreende-se a necessidade de desenvolver o trabalho psicopedagógico, uma vez que as dificuldades de aprendizagem podem trazer negativas consequências na vida do sujeito, como também na sociedade.

Sobre esse aspecto, o trabalho de conclusão de curso também apresenta um breve relato de alguns temas assim associados à Psicopedagogia. Então, nessa perspectiva foram consultados os seguintes autores: Barbosa (2001), Barone (1987), Piaget (1998), Visca (2010), Visca (2008), Visca (1987), Visca (2015), Silva (2010), Vygotsky (1991), Weiss (1994).

O presente estudo está dividido em quatro capítulos descritos da seguinte forma: O primeiro capítulo aborda o tema e teóricos assim utilizados, ou seja, uma visão global do trabalho. Ora o segundo capítulo, aborda o tema “Dificuldades de Aprendizagem”. O terceiro capítulo, o “Conceito da Psicopedagogia”. Já o quarto capítulo a “Teoria da Epistemologia Convergente”. O quinto capítulo os “Relatórios da Avaliação Psicopedagógica”

2. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A educação é uma ação reguladora e estimuladora do processo de desenvolvimento humano e da personalidade do sujeito, que envolve consciência de um conhecimento e de uma ação. No seu sentido mais amplo, educação significa o meio em que os costumes, hábitos e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte. A educação vai se desenvolvendo através de situações presenciadas e experiências vividas por cada indivíduo ao longo da sua vida.

Explicando melhor, Barbosa (2001, p.31) corrobora que “aprender é um processo contínuo e dinâmico, desenvolvido pelo homem do nascimento até a morte. Este processo acontece como resultado da interação do indivíduo com o meio”.

No que se diz respeito ao processo de aprendizagem, ela pode ser assimilada através de diferentes perspectivas, contudo, existe um ponto comum efetivo nas teorias da aprendizagem, é a inter-relação entre as condições internas do indivíduo e suas representações, como também as situações do externo a ele.

Dessa forma, a aprendizagem conceitualmente é como um processo de obtenção de conhecimentos, valores, informações, atitudes provindos do ensino, experiência ou do estudo.

Nesse sentido, Visca (1987) acrescenta que:

Desde a idade mais tenra, nas trocas que faz com a mãe, a criança já está realizando aprendizagens, ao mesmo tempo que vai construindo um estilo próprio de aprender, modificando-o e ampliando-o na medida em que outras interações vão acontecendo. (VISCA, 1987, p.75)

Contudo, a aprendizagem também percorre outro caminho, tendo a sua construção realizada em toda e qualquer instituição de ensino. Ademais, a conquista de aprendizagens dos conhecimentos vindos da educação formal, elaboradas pelos discentes a partir da mediação do docente em um ambiente escolar, sempre foi observada como produto final do processo educacional de escolarização. Todavia, compreende-se que no processo de estruturação de pensamento e elaboração de atividades não concluídas, o sujeito conquista significativas aprendizagens.

Ante ao exposto, Piaget (1998) ressalta que a aprendizagem é um processo de desenvolvimento intelectual, partindo por meio das estruturas de pensamento, que está precisamente ligada à ação do ser humano sobre o meio.

Ora, Vygotsky (1991) segue o pressuposto do princípio da interação, sendo um sujeito não apenas ativo. Em vista, é na troca consigo mesmo e com outros sujeitos que o ser humano vai internalizando conhecimentos.

Isso levaria a crer que a construção de conhecimento, o processo de aprender, portanto, não se restringe somente a conquistas na idade escolar, mas também se amplia a obtenção que o sujeito realiza no decorrer da vida, seja no âmbito institucional, social e familiar.

Assim, a dinâmica existente no processo da aquisição da aprendizagem não acontece de forma linear, como ressalta Barbosa (2001) que:

O processo de aprender não acontece em linha reta, numa ascensão suave de aquisições que vão se somando simplesmente umas às outras; e sim apresenta um traçado acidentado, definido como “dente de serra”, com picos de alturas variadas, em que se soma, subtrai-se, divide-se e multiplica-se. Em alguns momentos o aprendiz resolve as situações com facilidade; em outros, surge a dificuldade que o mobiliza para a solução. (BARBOSA, 2001, p.32)

Contudo, no que diz respeito às instituições de ensino, os discentes com dificuldades de aprendizagem são rotulados como desinteressados, menos envolvidos com as atividades escolares do que seus colegas sem dificuldades.

De fato, o produto final no âmbito escolar, são mais relevantes do que o processo de construção, em que o sujeito aprende errando, retomando, ressignificando.

Ante ao exposto, Barbosa (2001) corrobora que:

A dificuldade na aprendizagem é um elemento que faz parte do processo e não deve ser vista de forma estanque e desvinculada do mesmo. Sem dificuldade não existe aprendizagem real; não havendo desequilíbrio, não há busca de equilíbrio, e a aprendizagem não se faz. (BARBOSA, 2001, p.35)

A referida autora acrescenta que:

O erro é castigado, enquanto o acerto é premiado. É comum encontrarmos nos adultos posturas rígidas diante do desempenho escolar da criança, cobrando apenas o sucesso, a nota, o produto final, independente do que realmente foi aprendido durante o processo. (BARBOSA, 2001, p.33)

No tocante, Weiss (1994) ressalta que:

A aprendizagem normal dá-se de forma integrada no aluno (aprendente) no seu pensar, sentir, falar e agir. Quando começam a aparecer dissociações de campo e sabe-se que o sujeito não tem danos orgânicos, pode-se pensar que estão se instalando dificuldades na aprendizagem: algo vai mal no pensar, na sua expressão, no agir sobre o mundo. (WEISS, 1994, p. 7)

Então, consequências surgem devido ao fracasso escolar, advindos da inadequação para a aprendizagem. Por fim, o sujeito se envolve por sentimento de culpa, frustração, inferioridade, raiva, agressividade que acabam transformando sua autoimagem, principalmente se seu ambiente de origem, sua família, contribui para o desenvolvimento destes sentimentos, favorecendo também no distanciamento das demandas acadêmicas, inibindo a desejo de aprender. Entretanto, o não aprender por um determinado momento ou o ter dificuldade, não o veta a esta “não aprendizagem” para o resto da vida.

Finalmente, entra em ação a Psicopedagogia, constituindo uma integração de práticas com intuito de intervenção no campo da aprendizagem, seja na prevenção, diagnóstico e tratamento das dificuldades de aprendizagem.

A seguir, o próximo capítulo abordará sobre o conceito da Psicopedagogia.

3. CONCEITO DA PSICOPEDAGOGIA

Inicialmente, a Psicopedagogia surgiu em nosso país aproximadamente no final da década de 70, com a finalidade de compreender a existência de sujeitos que não aprendiam, em uma sociedade em que existiam muitas mudanças políticas, sociais, históricas, culturais e econômicas. Barone (1987) acrescenta que foi constatado que:

[...] um grande número de crianças que procuram a escola estão impedidas de lograr sucesso. Quase não aproveitam a experiência vivida e acumulam, ao longo dos anos, lacunas e defasagens que aos poucos as afastam totalmente da vida escolar ou, quando não, terminam a escolaridade de forma precária e com grande atraso. (BARONE, 1987, p.17)

Sobre esse aspecto, os profissionais (pedagogo, psicólogo e fonoaudiólogo) tiveram que se qualificar, agregando conhecimentos de outras áreas para aperfeiçoar sua prática, complementando assim a sua formação. Assim, foram integrando conhecimentos da Psicologia, Neurologia, Pedagogia, da Fonoaudiologia e da Psicomotricidade. Dessa forma, um novo profissional foi se consolidando, tendo como tarefa a reintegração à vida escolar normal, a partir das suas possibilidades e interesses, analisando como se processava a aprendizagem, a construção do conhecimento, processo que está ancorado, de alguma forma, no sujeito.

Ante o exposto, Visca (1991, p.14) corrobora sobre tal perspectiva:

Anteriormente, Psicopedagogia significava o conhecimento e o estudo do sujeito individual, enquanto Educação significava o conhecimento da comunidade, da sociedade. Eu acredito que, naquele momento, por motivos manifestos e latentes, fez-se uma divisão, porque conhecer verdadeiramente como o sujeito aprende é um conceito revolucionário, no sentido de aceitar o sujeito como ele é, fazer com que esse sujeito aprenda, de verdade, não fazendo de conta. Isso significa uma modificação, no sistema e na educação, muito grande. (apud VISCA, 2010, p.139)

Contudo, em uma determinada época, o objeto de estudo que é a dificuldade da aprendizagem, era vista como uma doença do aprendiz. Assim, com o passar do tempo, através de pesquisas e experiências, à dificuldade de aprendizagem passou a fazer parte do processo do aprender, e seu princípio/causa podem partir de dentro ou fora do sujeito.

Sobre esse aspecto, Barbosa (2001) acrescenta que:

(...) a Psicopedagogia nasceu como uma atividade revolucionária na medida em que buscava saber como o sujeito aprendia de verdade, aceitando-o como ele era, sem fazer de conta, o que significava uma modificação muito grande no sistema educacional. (BARBOSA, 2001, p.17)

Para entendermos melhor, Silva (2010, p.29) ressalta que “o objeto da psicopedagogia é o homem enquanto ser em processo de construção do conhecimento, ou seja, o ser cognoscente”. Tal observação vem a complementar, a visão do sujeito como um ser pluridimensional, que se desenvolve em muitas direções e se expressa, sendo então um sujeito na construção da sua autonomia e do conhecimento. Logo, o sujeito-objeto da Psicopedagogia é o ser humano.

Explicando melhor, Visca (2010, p.13) corrobora que “A psicopedagogia nasceu como uma fazer empírico, pela necessidade de atender as crianças com dificuldades de aprendizagem, cujas causas eram estudadas pela Medicina e pela Psicologia”.

De fato, os estudos e tratamentos dos problemas de aprendizagem, inicialmente, eram abordados por médicos, e, podemos perceber que atualmente, no Brasil, os familiares ainda buscam levar seus filhos a uma consulta médica.

Todavia, o campo de atuação da Psicopedagogia que investiga o processo de aprendizagem, constitui um conjunto de práticas institucionalizadas, sejam no contexto da prevenção, diagnóstico e tratamento dos obstáculos do sujeito, obstáculos estes que Visca (2010, p.79) classifica como: “obstáculo epistêmico, obstáculo epistemofílico e obstáculo funcional”.

No que diz respeito ao obstáculo epistêmico, o sujeito apresenta uma parada na construção das estruturas cognitivas. Já o obstáculo epistemofílico, o sujeito não tem impulso: medo à perda, medo ao ataque, medo à confusão; possuindo também uma dificuldade em estabelecer uma relação com o outro. Por fim, o obstáculo funcional, em que o indivíduo apresenta uma dificuldade em algum domínio da inteligência.

Assim, o profissional psicopedagogo pode detectar e tratar as dificuldades de aprendizagem apresentada pelo sujeito.

Então, como ressalta Barbosa (2001) que:

Nesta caminhada, fomos percebendo que o espaço da Psicopedagogia não podia se restringir aos consultórios, mas que

deveria se estender às instituições que promovem aprendizagem, visando principalmente a prevenção de dificuldades no processo de aprender. (BARBOSA, 2001, p.18,19)

Tal observação vem a complementar o que Linhares (1987) acrescenta que:

Faz urgente que a Psicopedagogia irradie o seu diâmetro de ação até as populações de estudantes que insistentemente penetram em nossas escolas, sem contudo lograr aprendizagens capazes de modificar o seu comportamento pessoal e contribuir para a modificação de suas condições de vida coletiva. (apud BARONE, 1987, p.46)

Finalmente, o objeto da Psicopedagogia não abrange somente o “processo de aprendizagem”, mas também, refere-se a um sujeito que aprende, capaz de conhecer a si e o âmbito do qual faz parte, e que é movido pelo desejo.

O próximo capítulo abordará a Teoria da Epistemologia Convergente.

4. TEORIA DA EPISTEMOLOGIA CONVERGENTE

Na cidade de Baradero, na província de Buenos Aires, em 1935, nasceu Jorge Visca, um argentino, que fez Magistério na Escuela Normal de Profesores Mariano Acosta, em Buenos Aires, e, em seguida, formou-se em Ciências da Educação na Facultad de Filosofia y Letras de La Universidad de Buenos Aires. Logo após, formou-se como psicólogo social pela Escola Privada de Psicologia Social, a partir dos pensamentos de Pichon-Rivière, se especializando também em Grupos Operativos.

No decorrer da sua trajetória, desenvolveu programas de Extensão Universitária, o que o oportunizou a ter experiências com populações marginais, contribuindo ainda mais para sua visão quanto às dificuldades de aprendizagem. Assim também, como seus trabalhos no Centro de Salud Mental de La Matanza, no Colegio Nacional Buenos Aires e em uma escola de Ensino Médio favorecendo aos seus projetos na área. Dessa forma, fundou o Centro de Estudos Psicopedagógicos (CEP) de Buenos Aires e com suas pesquisas e aulas, surgiu à chamada Epistemologia Convergente. Visca (2010) corrobora que

Quando se fala de Psicopedagogia Clínica, faz-se referência a um método com o qual se tenta conduzir a aprendizagem, e não a uma corrente teórica ou escola. Em concordância com o método clínico, podem-se utilizar diferentes enfoques teóricos. O que eu preconizo é o da Epistemologia Convergente. (VISCA, 2010, p.26)

Como visto, Jorge Visca contribuiu positivamente no meio acadêmico com sua “base epistemológica” que influenciou para o desenvolvimento da Psicopedagogia no Brasil.

Ademais, Visca (2010) ressalta que:

A partir do que tem chamado de Epistemologia Convergente, uma conceituação de aprendizagem e de suas dificuldades em função da integração – por assimilação recíproca – dos suportes das escolas psicanalítica, piagetiana e da Psicologia Social de Enrique Pichon Rivière (VISCA, 2010, p.13).

Sobre esse aspecto, Visca (2010) acrescenta que:

A Psicopedagogia na ótica da Epistemologia Convergente nasceu do desejo de compreender o processo de aprendizagem por meio de dois olhares necessários: o que olha para a subjetividade (Psicanálise) e aquele que olha para a construção de estruturas para conhecer (Psicogenética). Além disso, essa construção

sofreu influência do que Pichon-Rivière chamou de “interciência” e, em alguns registros, de “epistemologia convergente” (VISCA; BARBOSA, 2010, p.135)

Com respeito, a partir destas junções na Epistemologia Convergente, abrange-se a participação dos aspectos afetivos, cognitivos e sociais no processo da aprendizagem do sujeito, tendo como suporte, como foi dito anteriormente, a relação da Psicanálise, da Psicologia Social e da Psicologia Genética.

Assim, essas três teorias integradas nesta epistemologia possibilita ao profissional psicopedagogo uma reflexão sobre as causas dos problemas que surgem no transcorrer do processo de aprendizagem. Então, compreende-se que cada contexto em que o sujeito está inserido disponibiliza diferentes oportunidades, habilidades, conhecimentos, crenças e atitudes.

Inicialmente, a teoria da psicogenética de Jean Piaget trouxe significativas contribuições para a Epistemologia Convergente. Jean Piaget (1896-1980), nascido em Neuchâtel na Suíça, revolucionou a Educação, uma vez que suas pesquisas desconstruíram paradigmas no que se diz respeito à aprendizagem. Em vista, a teoria da psicogenética ressalta que a aprendizagem é construída nas estruturas cognitivas, e esta é como um mapa mental interno.

O referido autor dividiu o desenvolvimento humano em quatro estágios: estágio sensório motor (até dois anos), estágio simbólico ou pré-operatória (de dois até oito anos), estágio operatório concreto (de sete até doze anos), estágio operatório formal ou hipotético dedutivo (dos doze até quinze anos). Então, são aplicados na Epistemologia Convergente provas operatórias, diagnósticos, com a contribuição dos estudos de Piaget, que ajuda a verificar o nível de aprendizagem em que o indivíduo se encontra.

Já Sigmund Freud (1856-1939), foi um grande teórico do desenvolvimento humano, em que constituiu a Psicanálise, uma das primordiais teorias do psiquismo. Conforme ensina, dois indivíduos possuem uma personalidade inigualável, uma vez que eles podem ter o mesmo nível cognitivo, porém irão aprender de forma diferente. Ora, compreende-se assim a relevância dos vínculos negativos e positivos estabelecidos pelo sujeito e as relações afetivas diante do objeto de aprendizagem. Assim, a forma como o ser humano se conhece, seus

valores, impulsos, ações, objeto de desejo, dá um significado importante na relação com ele mesmo e aumenta o vínculo.

Finalmente, Enrique Pichon-Rivière (1907-1977) que foi um reconhecido psicanalista e psiquiatra suíço, que trouxe subsídios para compreender os grupos, tendo como pilar epistemológico a Psicologia Social e a Psicanálise. Sendo então o criador da teoria e técnica dos Grupos Operativos. De fato, a Psicologia Social propõe enquadramentos que favorecem para que o profissional tenha meios de ações que irão intervir na superação da dificuldade. Em vista, Visca (2010, p.24) ressalta que “concebe a aplicação da técnica de grupo operativo não só para o campo psicoterapêutico, como também para o campo da educação, ou seja, para a condução dos processos de aprendizagem”. Contudo, quanto à efetivação grupal na instrumentação do método clínico em Psicopedagogia, Visca (2010) corrobora que tem a realizado em duas etapas: a primeira de aplicação à atenção individual e a segunda à atenção grupal.

Ante ao exposto, o processo diagnóstico da Epistemologia Convergente ocorre em uma determinada ordem. De acordo com Visca (2010) o enquadramento, depois o contrato, diagnóstico, nosologia e por fim o processo corretor.

No que diz respeito ao enquadramento, o trabalho desenvolvido quanto aos atendimentos psicopedagógicos necessitam de algumas constantes como: tempo, lugar, frequência, duração, caixa de trabalho interrupções regradas e honorários. Ora, quanto ao contrato Visca (2010, p.61) ressalta que “Os contratos constituem um acordo verbal entre duas ou mais pessoas: psicopedagogo e paciente ou psicopedagogo, paciente e seus pais”. Vale ressaltar que os contratos podem ser: contratos de diagnóstico e contrato de tratamento.

Quanto ao diagnóstico, o mesmo se inicia no primeiro contato, com os pais ou com o próprio sujeito, terminando assim com a devolução dos resultados. O processo diagnóstico em si abarca uma série de passos que implementam o reconhecimento, o prognóstico e as indicações que se diz respeito a aprendizagem e suas dificuldades.

Já a nosologia, Visca (2010) informa que seu objetivo é:

Formar critérios de saúde e de enfermidade no campo psicopedagógico sobre a base de conceitos sociológicos, antropológicos, psicológicos e pedagógicos; determinar distintas unidades de análise para estudar o vetor de personalidade da aprendizagem. (VISCA, 2010, p.21)

Por fim, o processo corretor, em que o referido autor corrobora, constitui no conjunto de operações clínicas que contribui para o surgimento e a estabilização de condutas.

No tocante, Weiss (1994) ressalta que:

Todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e, na maioria das vezes, da escola. No caso, trata-se do não-aprender, do aprender com dificuldade ou lentamente, do não-revelar o que aprendeu, do fugir de situações de possível aprendizagem. (WEISS, 1994, p.15)

Assim, o processo diagnóstico com base na Epistemologia Convergente consiste em uma série de passos, como dito anteriormente, que favorecem no desenvolvimento do fazer psicopedagógico. Inicialmente pela EOCA (Entrevista Centrada na Aprendizagem) que permite ao indivíduo elaborar/ construir a entrevista de forma espontânea, mas dirigida pelo profissional, em que irá analisar suas atitudes, expressões da conduta, níveis de operatividade, ansiedades, defesa e conhecimentos. Nesta sessão o psicopedagogo poderá levantar o primeiro sistema de hipóteses, definindo então quais serão os instrumentos e linhas de investigação.

Em seguida, serão aplicados os testes, em que contribuem para a investigação dos resultados obtidos anteriormente, buscando explicações da relação entre o sintoma e as causas a-históricas, podendo também levantar o segundo sistema de hipóteses e suas linhas de investigação. Quanto aos testes, o profissional tem um aparato de ferramentas que contribui com o diagnóstico, como por exemplo, as provas operatórias piagetianas e as provas projetivas psicopedagógicas. Ante ao exposto, Weiss (1994, p.16) corrobora quanto ao sucesso do diagnóstico que “não reside no grande número de instrumentos utilizados, mas na competência e sensibilidade do terapeuta em explorar a multiplicidade de aspectos revelados em cada situação”.

Ademais, Visca (2008, p.19) ressalta quanto às provas operatórias piagetiana que “o obstáculo epistêmico como o funcional produzido por diferenças funcionais só podem ser estudados mediante a utilização das provas piagetianas”.

Já as provas projetivas Visca (2015) corrobora que “têm como objetivo geral investigar a rede de vínculos que um sujeito pode estabelecer em três grandes domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo”.

Depois, a anamnese, que possibilita ao psicopedagogo adquirir informações sobre a história do sujeito, compreendendo as dimensões de passado, presente e futuro, assim como, verificar os dados obtidos antes e levantar o terceiro sistema de hipóteses. Por fim, a elaboração do informe psicopedagógico, que visa resumir as conclusões e a devolutiva com o sujeito ou família e sujeito, que corresponde ao último encontro destinado à avaliação psicopedagógica.

No próximo capítulo, serão abordados os relatórios da avaliação psicopedagógica.

5. RELATÓRIOS DA AVALIAÇÃO PSICOEDAGÓGICA

Este referido capítulo visa descrever como foi realizada a presente avaliação psicopedagógica, no qual foi desenvolvida com uma criança no Serviço de Psicologia (SEPSI) da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), pelas estudantes de pós-graduação em Psicopedagogia Débora Almeida e Luciana Soares, no período de 19 de Abril até 31 de Maio, totalizando nove atendimentos. Então, os resultados assim obtidos foram expostos através de tabelas e análises das provas aplicadas.

5.1. CRONOGRAMA DA AVALIAÇÃO

| Data | Atividade | Psicopedagoga |
|-------|--|---------------|
| 19/04 | Contratual | Débora |
| 26/04 | EOCA | Luciana |
| 28/04 | Não teve atendimento (Greve) | ----- |
| 03/05 | Prova conversação de massa, Conservação de cumprimento, Dicotomia e Par Educativo | Débora |
| 05/05 | Cliente não compareceu | Luciana |
| 10/05 | Prova conversação liquido, Intersecção de classes, Planta da sala de aula | Luciana |
| 12/05 | Prova seriação de palitos, Pequenos conjuntos discretos de elementos, Avaliação de compreensão leitora e aniversário | Débora |
| 17/05 | Prova de dicotomia e Conversação de massa(2º aplicação) Eu e meus companheiros e Família fazendo o que mais gosta | Luciana |
| 19/05 | Anamnese avó | Débora |
| 24/05 | Anamnese pais | Luciana |
| 31/05 | Devolutiva | Débora |

5.2. REGISTRO DA ENTREVISTA CONTRATUAL

Nome da criança: A B S M Idade: 10 anos

Data de nascimento: 30/09/2006

Escola: (Particular) Ano escolar: 5º ano

Com que idade a criança entrou na escola: 3 anos

Já repetiu de ano: Não. As notas da A. B. são suficientes para passar de ano.

Faz alguma atividade além da escola: Sim. Dança (Fitdance)

Nome da mãe: R. Profissão: Atualmente desempregada

Nome do pai: R. Profissão: Músico

Bairro da família: Nazaré.

Com quem mora a criança: Com os pais. Todavia, no decorrer da entrevista a mãe informou que ela está separada do pai da A., e o mesmo já se casou com outra mulher, e a filha sentiu muito a separação dos pais. De acordo com a mãe e a avó, o pai é muito ausente, e que o mesmo não saberia nem trazer informações da filha.

Tem irmãos: 2 irmãos. Um de 17 anos e outro de 4 anos (parte de pai)

Por que a senhora procurou um atendimento psicopedagógico: A criança não tem concentração para estudar, troca letras quando escreve, pouca memorização, não gosta de estudar. E desde os primeiros anos da A. B. na escola que a mesma sempre apresentou algumas dificuldades no processo de aprendizagem. Como a instituição escolar nunca sinalizou a família quanto as dificuldades apresentadas, a família trouxe as informações a partir das vivências familiares com a criança quando a ajudam nas atividades escolares.

A criança já foi a algum profissional: A menina está sendo acompanhada pelo fonoaudiólogo e psicólogo em uma clínica particular (pelo plano de saúde), já tem um ano, e, a criança não gosta dos atendimentos da fonoaudióloga.

Quem solicitou um diagnóstico: O psicólogo que a criança é acompanhada solicitou um atendimento psicopedagógico.

ANÁLISE

O atendimento psicopedagógico ocorreu no período da tarde, às 16 horas, do dia 19 de abril de 2017, no Serviço de Psicologia (SEPSI) da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP). De início, a estagiária Débora foi ao encontro da senhora R., mãe da A. B., na recepção para convidá-la para o atendimento, e a mesma estava finalizando o preenchimento da ficha de cadastro. Foi então que a avó da criança, senhora L., perguntou a Eridã (repcionista do SEPSI) se eles podem desistir no meio do processo, uma vez que estavam preenchendo as fichas, a recepcionista respondeu que não tinha problema. Em seguida, a estagiária Débora as convidou à sala. Vale ressaltar que tanto a mãe quanto a avó foram bastante cordiais, cumprimentando a estagiária Luciana, que posteriormente também foi apresentada.

Depois da explicação sobre o que seria a Psicopedagogia e sua relevância na área das dificuldades de aprendizagem, pudemos assim obter os dados da criança.

No decorrer da sessão percebeu-se que a avó possuía muitas informações da criança, sendo de grande valia a sua presença. A senhora L. evidenciou em todo momento que está super presente na vida da A. B., ajudando-a na resolução das atividades escolares, aconselhando-a, e se importando com tudo que se diz respeito a neta. Todavia, a mãe relatou que a avó às vezes ajuda até demais. Em um momento da entrevista, dona L. relatou que pesquisa na internet informações que a ajudem a “solucionar” o problema na neta, buscando até testes de TDHA (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) para saber se a criança era compatível com o transtorno. Foi informado também que a avó sempre pergunta como foi à aula e a relação dela com os colegas, pois a A. B. sofre *bullying* dos colegas (SIC). Supondo assim que a dona L. não enxerga a mãe como responsável, pois relatava ansiosamente como a A. B. se comporta diariamente.

No transcorrer do atendimento psicopedagógico notou-se também uma angústia e desespero da família em diagnosticar a situação, uma vez que foi relatado que nos primeiros anos da criança na escola, ela demonstrava ter algumas dificuldades no processo da aquisição do conhecimento, acreditando até que a A. B. não iria aprender nada. Contudo, mesmo tendo pouca memorização, falta de concentração e interesse em estudar (SIC), a menina nunca perdeu de ano, porém suas notas eram suficientes para passar, pois caso estudasse em outra escola, talvez não passasse de ano.

Na entrevista contratual foi informado que a criança é acompanhada por um fonoaudiólogo e psicólogo, e que a A. B. não gosta de ir para as sessões da fonoaudióloga, e foi o psicólogo que solicitou que a criança passasse por um atendimento psicopedagógico, para que diagnosticassem qual o problema de aprendizagem da mesma. Lembrando que a escola nunca sinalizou a família quanto a necessidade de um acompanhamento do psicopedagogo.

Com base nas informações da senhora R. (mãe) e L. (avó), ficou acertado que iremos nos encontrar com a A. B. para aplicação da EOCA, na próxima sessão.

Analisaremos desta forma a conduta da entrevistada, investigando elementos na área cognitiva, afetiva-social e pedagógica, no processo da aquisição das aprendizagens, identificando se existem desvios e os obstáculos básicos no Modelo da Aprendizagem.

5.3. PROTOCOLOS DE REGISTRO

| PROTOCOLO REGISTRO E O C A (ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM) | |
|---|--|
| Nome: A. B. Idade 10 anos | |
| REGISTRO DA EOCA | OBSERVAÇÕES DO Pp |
| <p>Material exposto na mesa. E: Você conhece esse material? S: “Sim”.</p> <p>E: “Com esse material me mostre o sabe fazer, o que lhe ensinaram e o que você aprendeu”. S: Papel serve para escrever, régua serve para medir, isto é borracha, serve para apagar os erros, isto é Glitter, serve tanto para usar na maquiagem, quanto para decorar nos desenhos.</p> <p>E: “Você pode me mostrar o que sabe fazer?”. S: Seleciona alguns materiais, tela, pincel, tintas, glitter, e começa a fazer um desenho na tela.</p> <p>E: “Já vi que você sabe desenhar e pintar, que outra coisa que você sabe fazer ou que lhe ensinaram e o que você aprendeu, que possa me mostrar?” S: “Eu sei ler e escrever”.</p> <p>E: “Você pode me mostrar?”. S: Pega uma revistinha e logo após a capa coloca seu nome. “Pronto”</p> <p>E: “Que outra coisa pode me mostrar?”. S: “Sei cortar palavras. E colar para depois, no futuro, se a gente precisar usar”.</p> <p>E: “Você pode me mostrar?” S: Pega a mesma revistinha, recorta o nome Minnie e cola na capa da mesma revistinha. “Pronto”</p> | <p>A criança não olha e nem pergunta sobre o material exposto na mesa.</p> <p>Reconhece o material.</p> <p>Descreve a utilização, mas não toca no material.</p> <p>Olhou o material e pegou aqueles que mais tinham afinidade. Demonstra organização, estratégia, criatividade tranquilidade e espontaneidade na execução da tarefa, cantou e dançou em determinados momentos.</p> <p>Afirma que sabe ler e escrever, mas não pega nenhum material, demonstrando uma conduta evitativa com a escrita e a leitura.</p> <p>Demonstra uma atitude de livrar-se da tarefa o mais rápido possível.</p> <p>Reproduz uma atividade realizada na terapia com fonoaudiólogo.</p> <p>Executa a atividade com rapidez, demonstra boa coordenação motora fina.</p> |

ANÁLISE:

A EOCA transcorreu de forma tranquila e satisfatória. Durante a sessão as estagiárias conseguiram observar a criança em alguns aspectos. Na oralidade a criança ao falar troca as letras “P” e B e foi necessário repetir algumas palavras

| | | |
|--|---|--|
| <p>salsicha". Faz a salsicha e coloca perto da bolinha do sujeito. "E agora? A minha salsicha tem mais, menos ou a mesma quantidade de massa que a sua bolinha?" S: "Mais. Ela tem mais".</p> <p>E: "Como você sabe?" S: "Porque ela está maior e como essa aqui é uma bola não tem como diferenciar, porque isso aqui é uma bola e essa aqui uma salsicha".</p> <p>E: "Lembra que antes você disse que as duas bolas tinham a mesma quantidade. O que acha agora?" S: "Lembro, mas a salsicha tem mais quantidade".</p> <p>E: "E se eu voltar a fazer a bolinha, ela vai ter mais, menos ou mesma quantidade que a sua bolinha?" S: "Ela vai ter a mesma quantidade, porque ela fica um círculo, fica menor e eu acho que é isso".</p> <p>E: Achata a bolinha, dando a forma de uma pizza. "Você gosta de pizza?" S: "Sim, gosto de pizza de frango com catupiry".</p> <p>E: "Então, a minha pizza tem mais, menos ou a mesma quantidade de massa que a sua bolinha?" S: "Acho que menos".</p> <p>E: "Como sabe?" S: "Você achatou ela, e ela não ficou um círculo, ela abaixa".</p> <p>E: Lembra de que antes você disse que as duas bolas tinham a mesma quantidade? S: "Acho que não. Não ela tem menos, como você fez assim (faz movimento de amassar a bola), ela tem menos".</p> <p>E: "Uma criança da sua idade me disse que a pizza tem mais quantidade de massa. Essa criança estava certa ou errada?"</p> | <p>elemento experimental (alongamento)</p> <p>Pergunta de reafirmação</p> <p>Contra argumentação</p> <p>Proposta de retorno empírico</p> <p>Modificação do elemento experimental (achatamento)</p> <p>Pergunta de reafirmação.</p> <p>Contra argumentação</p> <p>Contra argumentação com terceiro</p> | <p>Resposta não conservadora</p> <p>Resposta não conservadora</p> <p>Resposta não conservadora</p> <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> |
|--|---|--|

| | | |
|---|--|--|
| <p>S: "Acho que ela não está errada. Não sei explicar".</p> <p>E: Achata mais ainda a pizza. "E agora, sua bolinha e a minha pizza têm mais, menos ou a mesma quantidade?" S: "Menos".</p> <p>E: "Como você sabe disso?" S: "Porque ela está fininha".</p> <p>E: Faz quatro bolinhas. Brigadeiro "Você gosta de brigadeiro?" S: "Gosto!"</p> <p>E: "Agora, eu tenho quatro bolas de brigadeiro. Você e eu comeríamos mais, menos ou a mesma quantidade de chocolate?" S: "A mesma quantidade"</p> <p>E: "Como você sabe? " S: "Porque como você repartiu em quatro é a mesma porção. Mesmo que essa aqui seja uma bola maior e essas bolas menores, você separou elas em quatro, mas quando elas estão juntas, ficam assim do mesmo tamanho (aponta para a bola maior). "</p> <p>E: "Mas eu tenho quatro bolas, não acha que tem mais quantidade?" S: "Não! Tem a mesma quantidade".</p> <p>E: "E se eu voltar a fazer uma bola, terá a mesma quantidade ou uma terá mais e outra menos? " S: "Quando você junta, a gente vai comer a mesma quantidade".</p> <p>E: "Uma outra menina me disse que eu iria comer mais chocolate se eu comesse os quatro brigadeiros. Essa criança estava certa ou errada? " S: "Errada, porque como você repartiu em quatro, você não tem como saber, mas quando junta dá para ver a mesma quantidade".</p> | <p>Aumento da modificação</p> <p>Pergunta de reafirmação</p> <p>Modificação do elemento experimental (divisão)</p> <p>Pergunta de reafirmação</p> <p>Contra argumentação</p> <p>Proposta de retorno empírico</p> <p>Contra argumentação com terceiro</p> | <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta conservadora com argumento de compensação</p> <p>Resposta conservadora sem argumento</p> <p>Resposta conservadora de identidade</p> <p>Resposta conservadora de identidade</p> |
|---|--|--|

ANÁLISE:

Na prova de conservação da quantidade de matéria (massa) a criança esteve muito disposta a contribuir com a prova. Foi possível identificar que A. B. reconheceu o material e estabeleceu a igualdade inicial. Sendo uma criança que na maior parte da prova não conservou a quantidade de massa e a partir da última modificação do elemento experimental passou a conservar com argumento.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA OPERATÓRIA | | |
|--|---|--|
| Nome: A. B. Idade: 10 | | |
| PROVA: Conservação de comprimento | | |
| REGISTRO | ESTRATÉGIAS DO ENTREVISTADOR | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| E: Coloca sobre a mesa duas correntes. “Você conhece esse material? O que pode dizer sobre elas?” S: Pega uma das correntes e fala: “Conheço! Não tem aquelas coisas que coloca no chaveiro. E uma é maior que a outra”. | Apresentação do material | Reconhecimento do material |
| E: “Vamos fazer de conta que são dois caminhos para ir até a aula de dança. Se eu vou por este caminho e você por esse, nós caminharíamos iguais, ou uma caminharia mais e a outra menos?”. S: Rapidamente responde: “Um vai caminhar mais e a outra menos”. | Criação de um argumento | Reconhece a diferença inicial |
| E: “Como assim?”. S: “Porque o percurso é maior (aponta para a corrente maior) e esse menor (aponta para a corrente menor)”. | Pergunta de reafirmação | Resposta conservadora com argumento de compensação |
| E: <u>Ondula</u> a corrente mais comprida e as coloca paralelamente fazendo coincidir o extremo de ambas. “E agora, há a mesma quantidade para caminhar neste e neste?”. S: “Não. A outra mais e a outra menos”. Aponta para a maior que irá caminhar mais e a menor menos. | Modificação do elemento experimental 1ª situação | Resposta conservadora com argumento de compensação |
| E: “Você pode me explicar?”. S: “Você vai caminhar mais porque tem vários percursos diferentes”. | Pergunta de reafirmação | Resposta conservadora com argumento de compensação |
| E: “Mas os dois caminhos começam juntos e terminam no mesmo lugar?” S: “Eu vou caminhar mais e você menos.” | Contra argumentação | |

| | | |
|---|---|---|
| <p>Não! Você vai caminhar mais”.</p> <p>E: <u>Ondula</u> muito mais a corrente de forma que um extremo de ambos coincida e o outro não. “E agora, há a mesma quantidade para caminhar neste e neste?” S: “Você dobrou mais e esse está todo em linha reta”.</p> <p>E: “Você pode me explicar?”. S: “Porque só mudou, dobrou mais, o meu percurso é menor”.</p> | <p>Modificação do elemento experimental</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação</p> | <p>Resposta conservadora com argumento de compensação</p> <p>Resposta conservadora com argumento de compensação</p> |
|---|---|---|

ANÁLISE:

Na prova de conservação de comprimento a A. B. reconheceu o material exposto e a diferença inicial. A criança admitiu as transformações e usou argumentos de compensação para justificar suas respostas.

| <p align="center">PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA OPERATÓRIA</p> | | |
|--|---|---|
| <p>Nome: A. B. Idade: 10</p> | | |
| <p>Prova: Classificação de mudança de critério (dicotomia) 1ª aplicação</p> | | |
| <p align="center">REGISTRO</p> | <p align="center">ESTRATÉGIAS DO ENTREVISTADOR</p> | <p align="center">CONDUTAS DO ENTREVISTADO</p> |
| <p>E: Coloca as figuras em desordem sobre a mesa e pede que a criança a descreva. “Você conhece esse material? O que você pode-me dizer sobre este material?” S: “Sim. É de EVA, emborrachado, coloridos, estão cortados de formas diferentes, grandes, pequenos e vai e vem”.</p> <p>E: “Gostaria que você colocasse junto as que se parecem muito”. S: “Pode ser assim?”. E: “O que você acha?”. S: “Sim” Organiza em fileiras, na mesa, separando em dois grupos: os quadrados e círculos. E intercalando as cores.</p> <p>E: “Você pode me explicar por que os colocou assim?” S: “Para ficar mais bonitinho”.</p> <p>E: “Agora, gostaria que você utilizasse estas caixas e fizesse dois montes, colocando junto as que se parecem”.</p> | <p>Apresentação do material</p> <p>Pedido de descrição do material</p> <p>Pedido de classificação espontânea</p> <p>Pergunta de investigação</p> <p>Pedido de dicotomia</p> | <p>Reconhecimento do material</p> <p>Classificação espontânea</p> <p>Possui noção de classificação.</p> |

| | | |
|--|---|---|
| <p>S: "É para colocar assim?"</p> <p>E: "O que você acha?" S: Colocou a caixa no colo e começa a organizar os quadrados com cores aleatórias na lateral da caixa.</p> <p>E: "A. B. você sabe o que é monte?" S: "Não".</p> <p>E: Pegou dois círculos e demonstrou o que é monte. S: "Ah! É montinho." Retirou os quadrados da caixa e inicia uma nova classificação. Separando por cor.</p> <p>E: "Por que você colocou estas fichas juntas? E estas?" S: "Porque eu falei se colocasse aqui não ia dá para fazer um montinho. Eu queria que ficasse um pouquinho alto".</p> <p>E: Como chamaria este monte? E este? S: "Circuleiro. Quadradeiro"</p> <p>E: Retirou as fichas das caixas e as colocou misturadas na mesa. "Agora, volte a juntar, mas de outra maneira, pondo juntas as que se parecem, fazendo dois montes nestas caixas".</p> <p>S: "Pode ser da mesma cor?" E: "O que você acha?"</p> <p>S: "Vou colocar aqui os da mesma cor" E: "Como chamaria este monte? E este?"</p> <p>S: "Tudo junto e misturado. Tudo círculo e não misturado".</p> | <p>Pergunta de investigação</p> <p>Solicitação de dar nome a subclasse</p> <p>Pedido de classificação espontânea</p> <p>Pergunta de investigação</p> <p>Solicitação de dar nome à subclasse</p> | <p>Não compreendeu a consigna.</p> <p>Classificação por cor</p> <p>Possui noção de classificação</p> <p>Transição</p> |
|--|---|---|

ANÁLISE:

Na realização da prova de mudança de critério (Dicotomia) A. B. reconheceu o material e conseguiu agrupar a primeira vez de forma espontânea, mas teve dificuldade na mudança de critério para reagrupar de formas diferentes ratificando a hipótese de não conservadora apresentada na execução das outras provas.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA PROJETIVA | |
|--|---|
| Nome: A. B. Idade: 10 anos PROVA: Par Educativo | |
| REGISTRO | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| E: Apresenta o material que será utilizado, e os coloca em frente da criança. | Reconhece o material e não apresenta bloqueio em desenhar o que foi pedido. Durante o desenho utiliza bastante a borracha. Desenha uma pessoa de cada lado da folha separada. Afirma que não sabe desenhar uma pessoa sentada. Nomeia as pessoas sem dificuldade. Escreve um título para cada desenho. Quando escreve a história do desenho se inclina totalmente na cadeira (encostando a cabeça na mesa). |
| E: “A. B., agora eu gostaria que você desenhasse uma pessoa que ensina e outra que aprende”. | |
| S: Pega o lápis e inicia o desenho separando a folha em duas partes, com uma linha vertical. | |
| E: Qual o nome desta pessoa, quantos anos ela tem? | |
| S: “Professora N., porque ela usa óculos, ela tem 45 anos”. | |
| E: “E esta?” | |
| S: “Minha colega A, tem 10 anos”. | |
| E: “Que título você poderia dar ao desenho?” | |
| S: “Professora ‘tando’ aula” e “Aluna ‘aprendendo””. | |
| E: “O que você poderia me contar que está acontecendo aí?” | |
| S: “Essa aqui é minha professora N., ela está ensinando porque ela usa óculos é de Português, está dando aula. E essa aqui é quem aprende, minha colega A., ela está prestando atenção na aula, aqui é o caderno”. | |
| E: “Agora eu gostaria que você escrevesse sobre o desenho”. | |
| S: “Como assim escrever? Escrever uma história?” | |
| E: “O que você acha?” | |
| S: Inclina-se bastante sobre a mesa e escreve | |

ANÁLISE:

Na prova projetiva foi utilizado o Par Educativo, e observado que A. utiliza todo o papel para fazer o seu desenho, porém traça uma linha vertical na folha, separando quem ensina de quem aprende, e o aprendiz pequeno em relação a quem ensina. Quanto a posição dos personagens quem ensina encontra-se mais alto, sobre um tablado e quem aprende mais abaixo e pedindo ajuda ao professor.

Os desenhos apresentam uma boa imagem corporal, com cabeça, tronco e membros bem definidos. Retrata a sala de aula, estabelece um objeto de aprendizagem “Português” e representa quem ensina e quem aprende de forma sistemática. No relato da cena representada no desenho descreve que quem ensina é sua professora de Português e quem, aprende é uma colega da escola. Quando solicitada para escrever sobre o desenho, demonstra desânimo em escrever e se debruça sobre a mesa, só voltando a ficar ereta ao final da escrita. A análise do desenho permite pensar em um vínculo de aprendizagem e escrita negativo.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA OPERATÓRIA | | |
|--|---|---|
| Nome: A. B. Idade: 10 anos | | |
| Prova: Conservação das quantidades de líquido | | |
| REGISTRO | ESTRATÉGIAS DO ENTREVISTADOR | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| <p>E: “Vamos fazer uma atividade”.</p> <p>Coloca os copos (A e A’) e a garrafa de água em frente a entrevistada.</p> <p>“Como lhe parece que são, iguais ou diferentes?”</p> <p>“E como são os copos, do mesmo tamanho ou tem alguma diferença?”</p> <p>S: “Conheço. Copo de vidro e garrafa de água. Estes são iguais.” Aponta para os copos.</p> | <p>Apresentação do material</p> | <p>Reconhecimento do material</p> |
| <p>E: “Eu vou colocar o suco desta garrafa neste copo (A) e você colocará a mesma quantidade de suco neste copo (A`) nem mais, nem menos”.</p> <p>S: Coloca a água no copo com tranquilidade. Ao observar que em um faltava um pouco mais de água, acrescentou analisando para não ultrapassar.</p> | <p>Pedido do estabelecimento de igualdade</p> | <p>Estabelecimento da igualdade inicial</p> |
| <p>E: “Estão iguais?”.</p> <p>S: “Sim” Coloca um copo do lado do outro para ter certeza.</p> | | |
| <p>E: “Qual suco você gosta mais, morango ou limão?”</p> <p>S: “Morango. Gosto mais de morango”.</p> | | |
| <p>E: “Então, se você bebe todo o suco deste copo (A), e eu bebo todo o suco do meu copo (A`), beberemos a mesma quantidade ou um bebe mais e o outro menos?”</p> | <p>Pergunta de reafirmação</p> | <p>Estabelecimento da igualdade inicial</p> |

| | | |
|--|--|--|
| <p>S: "Mesma quantidade"</p> <p>E: Transfere o conteúdo do copo (A) em um mais alto e fino (B). "E agora, se eu bebo todo o suco deste copo (B) e você bebe todo o suco deste (B), beberemos a mesma quantidade ou um terá mais para beber e o outro menos?" S: "Você bebe mais"</p> <p>E: "Você pode me explicar?" S: "Você viu, vai até quase o topo, e o meu está na metade" Aponta primeiro para copo mais fino.</p> <p>E: "Mas, você se lembra de como havíamos colocado os sucos nos copos?" S: "Sim. A mesma quantidade".</p> <p>E: "E o que lhe parece, se passo este suco daqui (B) para aqui (A`) como vamos ter?" S: "Vai ser a mesma quantidade. Um é maior, o outro mais fino".</p> <p>E: Passa o líquido do copo (B) ao copo (A`) S: "Mesma quantidade".</p> <p>E: "E agora? Transfere o conteúdo de (A) em (C) será que temos a mesma quantidade ou um tem mais e o outro menos?" S: "Você tem menos".</p> <p>E: "Como é isso? Você pode me explicar?" S: "Este é mais baixo, então tem menos." Aponta para o copo.</p> <p>E: "Mas, repare que é muito mais largo?" S: "Mas o meu é maior esse é baixo".</p> <p>E: "E agora, se passo meu suco de limão deste copo (C) para este copo (A). Como você acha que vai ficar, a mesma quantidade, mais ou menos?" S: "A mesma quantidade".</p> <p>E: Volta o líquido de (C) para (A`)..." S: "Mesma quantidade".</p> <p>E: Divide o líquido de (A`) em (D1, D2, D3 E D4). "O que lhe parece, em seu copo (A) ou em meus copinhos há a mesma quantidade ou no</p> | <p>1ª Modificação do elemento experimental</p> <p>Pergunta de reafirmação</p> <p>Contra-argumentação</p> <p>Proposta de retorno empírico</p> <p>Retorno empírico.</p> <p>2ª Modificação do elemento experimental</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação</p> <p>Contra argumentação</p> <p>Proposta de retorno empírico</p> <p>Retorno empírico</p> <p>3ª Modificação do elemento experimental</p> | <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> <p>Resposta ao estabelecimento do retorno empírico</p> <p>Resposta não conservadora.</p> |
|--|--|--|

| | | |
|--|---|-----------------------------------|
| <p>seu tem mais, ou os meus tem mais?” S: “Você tem mais”.</p> <p>E: “Como é isso, você pode me explicar?” S: Pois aqui são quatro, fica em linha reta”.</p> <p>E: “Mas um menino como você, mais ou menos, me disse que neste copo (A) e nestes copos havia o mesmo. O que lhe parece, esse menino estava enganado, ou não?” S: “Ele está certo”.</p> <p>E: E se voltar este suco daqui (D1,D2,D3 E D4) para aqui (A)? S: “Vai ser a mesma quantidade”.</p> | <p>Pergunta provocadora de argumentação</p> <p>Contra argumentação com terceiro</p> <p>Proposta de retorno empírico</p> | <p>Resposta não conservadora.</p> |
|--|---|-----------------------------------|

ANÁLISE:

No que diz respeito à prova de conservação das quantidades de líquido a criança reconheceu a material e estabeleceu a igualdade inicial, porém observamos que a A. não conservou em toda a prova.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA OPERATÓRIA | | |
|---|---|---|
| <p>Nome: A. B. Idade: 10 anos Prova: Intersecção de classes</p> | | |
| REGISTRO | ESTRATÉGIAS DO ENTREVISTADOR | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| <p>E: “Vamos fazer outra atividade”.</p> <p>Dispõe as fichas dentro dos círculos: discos azuis e quadrados vermelhos na parte externa dos mesmos e os círculos vermelhos na intersecção. “Gostaria que me dissesse o que vê disso que coloquei aqui” S: “Pequenos quadrados, pequenos círculos de cores diferentes”.</p> <p>E: “E aqui neste tapete?”. S: “Tem dois círculos, uma fica em cima do outro”.</p> <p>E: “Porque você acha que coloquei estes (círculos vermelhos) no meio?” S: “Não sei! Eu acho que é para separar as cores”.</p> <p>E: “O que lhe parece, há mais fichas azuis ou mais fichas vermelhas?” S: “Mesma quantidade de fichas”</p> | <p>Apresentação do material</p> <p>Pergunta sobre o conteúdo da intersecção</p> <p>Pergunta de comparação do número de elementos das subclasses (critério de cor)</p> | <p>Reconhecimento do material</p> <p>Não reconhecimento do conteúdo da intersecção</p> <p>Resposta a classe não relacionada</p> |

| | | |
|---|--|--|
| E: "Há mais fichas quadradas ou mais fichas redondas?" S: "Não. As mesmas têm cinco, tem cinco, tem cinco" Aponta para as fichas" | Pergunta de comparação do número de elementos das subclasses (critério de forma) | Resposta a classe não relacionada. |
| E: "O que lhe parece, há mais ou menos fichas redondas que vermelhas?" S: "Como assim?! Mais, mais vermelhas". | Pergunta de intersecção | Resposta a classe não relacionada. |
| E: "Como você sabe? Pode me mostrar?" S: Observa "Porque tem a mesma quantidade". | Pergunta suplementar | Resposta correta a pergunta suplementar. |
| E: "Há a mesma quantidade, mais ou menos fichas quadradas que fichas vermelhas?" S: "Como? Mesma quantidade. Tem cinco, se juntar ficam quinze". | Pergunta de inclusão | Resposta a classe não relacionada |

ANÁLISE:

Na prova de intersecção de classes a criança reconheceu o material exposto, porém não compreendeu algumas consignas, fazendo com que a estagiária repetisse as solicitações. Todavia, a A. B. trazia respostas à classe não relacionada, mesmo demonstrando conhecer o material e suas diferenças.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA PROJETIVA | |
|--|--|
| Nome: A. B. Idade: 10 anos | |
| Prova: Planta da sala de aula | |
| REGISTRO | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| E: Apresenta o material que será utilizado, e os coloca em frente da criança. "A. B., agora eu gostaria que desenhasse a planta da sala de aula". S: "Planta?". E: "Sim. Você sabe o que é uma planta?" S: "Sim. Um desenho assim de cima, tipo encima de uma escada olhando para baixo". Demonstra com as mãos. E: "Exatamente". S: Começa a desenhar. "Terminei". E: "Você pode comentar como é essa sala de aula?". S: "Eu não quis desenhar as pessoas, mas finge que aqui tem os alunos e a professora está aqui explicando. É uma sala grande, espaçosa. Aí quando a professora sai todo mundo conversa". E: Marcar um x no lugar que você senta. | Aceita a proposta com tranquilidade. Demonstra saber o que é uma planta da sala. Desenha as cadeiras, depois o tablado, depois a professora e o quadro, mas não desenhou se desenhou nem os colegas. |

| | |
|--|--|
| <p>S: "Eu hoje sentei aqui." Marca um x no lugar onde não tem cadeiras.</p> <p>E: "Como assim? Aqui não tem cadeira. Pode me explicar?" S: "Eu sei! Espera aí, deixa eu fazer." Acrescenta uma fileira de cadeiras.</p> <p>E: "Você senta aqui por livre escolha ou é a professora ou o grupo que determina?" S: "Eu hoje sentei aqui porque cheguei um pouco atrasada. Não tem lugar marcado sabe?"</p> <p>E: Você gostaria de sentar-se em outro lugar? Por quê? S: "Eu queria sentar na frente, nessa fileira". Aponta para a fileira da frente e marca uma cadeira.</p> <p>E: "E porque você não senta aí?" S: "Por que lá na sala tem gente que não sabe aprender, não sabem muito, sabe? Aí a professora coloca eles aqui, nessa fileira, alguns dias".</p> <p>E: "Quem são as pessoas que sentam nos outros lugares? Fale sobre elas?" S: "Esse é Lucas meu colega desse ano. Ele não sabe muito das coisas".</p> <p>E: "Como assim?" S: "Tipo assim, ele hoje foi lá no quadro falar e a professora disse que estava errado a conta, dever de matemática".</p> <p>E: "Você já esteve aqui no quadro?" S: "Sim".</p> <p>E: "E o que foi que a pró disse?" S: "Que estava certo a conta".</p> <p>E: "E quem senta aqui?" S: "A. J.. Ela é insuportavelmente chata".</p> <p>E: "Como assim?" S: "Ela falou hoje que eu estava perturbando ela, só que eu não estava perturbando ela coisíssima nenhuma. E a voz dela é irritante".</p> <p>E: "Como assim perturbando?" S: "Ela estava fazendo dever e eu também. Ai ela falou assim: Oh pró , A. B. está me... como é que diz... me desconcentrando, e eu não estava nada. Eles ficam me pirraçando".</p> <p>E: "Eles quem? "</p> | <p>Coloca um x no espaço vazio.</p> <p>Vínculo negativo com o espaço escolar.</p> <p>Não se apropria do seu lugar na sala.</p> <p>Não sabe lidar com o não saber do colega.</p> <p>Sente-se rejeitada pelos colegas da escola.</p> |
|--|--|

| | |
|--|--|
| <p>S: "A. J., M. E., C. F., L.. Eles que me atrapalham e nem ligam".</p> <p>E: "E quando eles te atrapalham o que você faz?" S: "Eu ignoro. Eu nunca queria ficar perto dela, ela é muito chata".</p> <p>E: "E quem são os colegas que você mais gosta? Onde eles estão?" S: "J. estava aqui, L. e E., eu não sei escrever E.. Elas são do passado, da escola do ano passado". Marca na fileira opostas à que ela está sentada.</p> <p>E: "Você tem mais alguma coisa para falar da sua sala?" S: "Minha sala tem ar condicionado e ventilador. No início do ano a gente mudava muito de sala, mas agora não. A gente fez um abaixo assinado".</p> <p>E: "E porque mudava muito de sala?" S: "Porque teve um problema na sala do 6º ano, aí a gente trocou de sala, mas agora não mudamos mais não".</p> | |
|--|--|

ANÁLISE:

Na prova projetiva A planta da sala de aula, a A. B. utilizou toda a folha para realizar seu desenho, não limitou o ambiente, desenhou somente as cadeiras, o quadro, o tablado e a professora. O desenho da professora está completo e compreensível, apresentando uma boa imagem corporal. Observamos que quando foi solicitada que marcasse com um X no lugar que sentava, a mesma marcou em um lugar que não tinha cadeira, ao ser questionada pela estagiária sobre a situação, a criança, logo em seguida, desenhou mais uma fileira de cadeiras. Explicou também que só sentou naquele lugar porque chegou atrasada, mas a professora não marca os lugares dos alunos. Contudo, ao perguntar sobre qual o lugar ela gostaria de sentar, a A. respondeu que seria na primeira fileira, porém não senta, pois a professora coloca para sentar os alunos que não sabem, que tem dificuldades de aprender. Entretanto, vale ressaltar que a mesma informou que sempre senta na primeira fileira, não se identificando assim como uma criança que tenha dificuldade. Sinalizou algumas pessoas que estão sentadas, como as amigas e os colegas que ela não gosta. E no relato a A. B. explicou que não senta próximo das amigas, e que tem um problema de convívio com alguns colegas da sala, achando-os chatos e insuportáveis. Descreveu a

sala como grande, espaçosa, com ar-condicionado, ventilador. A representação da Planta da sala de aula demonstra um espaço desorganizado e sem limites com ausência de pessoas e sugere um vínculo negativo com a sala e com os colegas, pois a cliente senta afastada dos amigos que ela gosta e não mantém uma boa relação com os colegas que sentam ao seu lado. Demonstra não lidar bem com o não saber, quando aponta a dificuldade do colega que senta à sua frente e se sente rejeitada por estes.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA OPERATÓRIA | | |
|---|--|--|
| Nome: A. B. | | Idade: 10 |
| Prova: Seriação de palitos | | |
| REGISTRO | ESTRATÉGIAS DO ENTREVISTADOR | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| <p>E: Coloca sobre a mesa 10 palitos desordenados. “Você conhece esse material? O que pode dizer sobre eles?” S: “Sim. Tudo de madeira. Servem para fazer cadeira, mesa. Podem ser grossas, pequenos, grandes”.</p> | <p>Apresentação do material</p> <p>Investigação de vocabulário</p> | <p>Reconhecimento do material.</p> |
| <p>E: “Coloque-os em ordem do menor para o maior ou do maior para o menor?”. S: “Pronto”. Realiza a seriação alinhando a base, comparando um por um.</p> | <p>Consigna</p> | <p>Seriação com ajustamentos empíricos</p> |
| <p>E: Como estão? S: “Do menor para o maior ou do maior para o menor. Eles estão certinhos”.</p> | <p>Pergunta</p> | |
| <p>E: Seriou bem. Entrega o palito da inclusão e diz: “Coloque este palito no lugar que o corresponde”. S: Mede. “Ele não corresponde a nenhuma.” Analisa e depois coloca no lugar certo.</p> | | <p>Inclusão</p> |
| <p>E: Pede para que feche os olhos e retire um palito (não pode dos extremos). “Você pode colocar no lugar que o corresponde?” S: Mede e coloca no lugar certo.</p> | <p>Consigna</p> | |
| <p>E: Seriou <u>bem</u>. Entrega os 10 palitos desarrumados, sem o palito de intercalação, coloca o anteparo. “Agora você vai me dando os palitos, um a um, do maior ao menor, ou do menor ao</p> | | <p>Seriação com anteparo</p> |

| | | |
|--|--|--|
| <p>maior e eu vou colocando-os na ordem em que você me dá os palitos, aqui detrás deste anteparo. Você não poderá ordená-los antes de entrega-los”.</p> <p>S: Entrega os palitos. Em alguns momentos, olha para o teto e para a outra estagiária.</p> <p>E: Mostra-se o resultado da seriação retirando o anteparo.</p> <p>S: “Tá igualzinho.”</p> | | |
|--|--|--|

ANÁLISE:

Na seriação de palitos A.B. reconheceu o material exposto e conseguiu ordenar do menor para o maior e vice-versa, por tentativas, mede os palitos para realizar regulações, desenvolvendo corretamente a seriação, como também a inclusão dos palitos.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA OPERATÓRIA | | |
|--|---|---|
| Nome: A. B. Idade: 10 | | |
| Prova: Pequenos conjuntos discretos de elementos | | |
| REGISTRO | ESTRATÉGIAS DO ENTREVISTADOR | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| <p>E: Coloca as fichas sobre a mesa. Você conhece esse material? O que pode dizer sobre elas? Já havia usado estas ou outras em algum jogo?”</p> <p>S: “EVA. Verde água e vermelho. Tem mais verde água.”</p> <p>E: “Escolha uma cor para você”.</p> <p>S: “Verde água.”</p> | <p>Apresentação do material</p> | <p>Reconhecimento do material.</p> |
| <p>E: Coloca em fila 7 fichas e deixa de lado 3 da mesma cor .“Faça com suas fichas uma fileira que tenha a mesma quantidade que a minha.”</p> <p>S: Contou quantidade e organizou termo a termo as 7 fichas, colocando de lado 3.</p> | <p>Pedido de estabelecimento da igualdade inicial</p> | <p>Estabelecimento da igualdade inicial</p> |
| <p>E: <u>Termo a termo</u>: “Então, o que lhe parece, temos a mesma quantidade de fichas, ou uma de nós tem mais e a outra menos?”.</p> <p>S: “Mesma quantidade”.</p> <p>E: “E você pode me explicar isso?”</p> <p>S: “Você tem a mesma quantidade”.</p> | <p>Pergunta provocadora de argumentação</p> | |
| <p>E: Amplia sua fileira colocando com uma maior distância entre elas. “O que lhe parece, temos a</p> | <p>1º Modificação da disposição</p> | |

| | | |
|--|---|---|
| <p>mesma quantidade de fichas, ou uma de nós tem mais e a outra menos?”.</p> <p>S: “Você tem mais e eu tenho menos.</p> <p>E: “Porque lhe parece isso?”</p> <p>S: “Você tem a mesma quantidade. Você tem o mesmo de mim. Você só separou”.</p> <p>E: <u>Conservador</u>: “Mas, observe, esta é mais comprida/curta. E então?” (indica com a mão)</p> <p>S: Você só espalhou.</p> <p>E: “Uma menina da sua idade, me disse que minha fileira tinha mais e a sua tinha menos. Será que ela estava certa?”.</p> <p>S: “Mais ou menos. Porque você separou e eu não separei, se eu tivesse separado....</p> <p>E: Coloca as coleções termo a termo. As deixa por um instante e <u>diminui</u> a sua distância entre elas, dispondo de uma fileira mais curta. “E agora, temos a mesma quantidade de verde água e vermelhas, ou uma tem mais e a outra tem menos?”.</p> <p>S: “A mesma quantidade”</p> <p>E: “Você pode me explicar?”.</p> <p>S: “Você tem 7, eu tenho 7. Você juntou”</p> <p>E: <u>Conservador</u>: “Mas, observe, esta é mais comprida/curta. E então?” (indica com a mão)</p> <p>S: “A minha é maior e a sua é menor. Porque você juntou e o meu continua normal”</p> <p>E: Coloca as coleções termo a termo. As deixa um instante e logo <u>constrói</u> um <u>círculo</u> com as suas. “Coloque suas fichas por fora das minhas, como eu coloquei as minhas”.</p> <p>S: Coloca suas fichas em círculo por fora fazendo corresponder cada uma das suas fichas com as do entrevistado.</p> <p>E: E agora, o que temos de fichas verde água e vermelhas, a mesma quantidade, ou de uma há mais e de outras há menos?</p> <p>S: “A mesma quantidade”.</p> <p>E: “Como é isso, você pode me explicar?”.</p> <p>S: “Tem 7”</p> | <p>espacial</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação</p> <p>Contra argumentação</p> <p>Contra argumentação com terceiro</p> <p>Retorno empírico</p> <p>2º Modificação da disposição espacial</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação</p> <p>Contra argumentação</p> <p>Retorno empírico</p> <p>3º modificação da disposição espacial</p> <p>Pergunta provocadora de argumentação</p> <p>Pergunta com</p> | <p>Resposta conservadora com argumento.</p> <p>Resposta conservadora com argumento de compensação</p> <p>Resposta conservadora com argumento de compensação</p> |
|--|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>S: “Eles estão na área da piscina. Eu tô aqui que eu quero assaltar os presentes”.</p> <p>E: “Pode me explicar?”</p> <p>S: “Os presentes estão aqui nessa caixa. Eu quero assaltar... como se diz... abrir, ver o que é os presentes”.</p> <p>E: “E sua mãe, seu pai?”</p> <p>S: “Meu pai está trabalhando, minha mãe está na cozinha, fazendo as coisas”.</p> <p>E: “E seus amigos, onde estão?”</p> <p>S: “Já falei, na piscina.”</p> | <p>Afastamento da família e dos amigos.</p> |
|--|---|

ANÁLISE:

Na prova projetiva O dia do meu aniversário foi observado que A. desenhou uma menina sozinha, com uma mesa com bolo e presentes. Ao ser perguntada sobre os convidados informou que estavam na piscina e que seu pai estava trabalhando e sua mãe na cozinha. O desenho apresenta uma boa utilização do espaço, permitindo que seja reafirmada a hipótese da presença de noção espacial e boa imagem corporal, com cabeça, tronco e membros bem definidos. A análise do desenho permite pensar em um vínculo familiar fragilizado bem como a falta de convidados nos revela uma criança solitária, permitindo inferir uma possibilidade de um vínculo afetivo com crianças da mesma idade enfraquecido.

PROVA DE AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO LEITORA

Durante a aplicação da prova de Avaliação da compreensão leitora a cliente demonstrou interesse em descobrir as informações novas sobre as Ilhamas, acessou conhecimentos prévios comparando-as com camelos, pois ambos possuem corcovas. A leitura silenciosa foi realizada em 2 minutos e 23 segundos e a leitura oral em 1 minuto 45 segundos, é possível constatar a troca de letras, supressão de palavras. Quando conta a história começa pelo que mais chamou sua atenção, final do texto, entretanto compreende o que ler.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA OPERATÓRIA | | |
|---|--|--|
| Nome: A. B. Idade: 10 | | |
| Prova: Classificação de mudança de critério (dicotomia) 2ª APLICAÇÃO | | |
| REGISTRO | ESTRATÉGIAS DO ENTREVISTADOR | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| <p>E: Coloca as figuras em desordem sobre a mesa e pede que a criança a descreva. “Você conhece esse material? O que você pode me dizer sobre este material?” S: “Conheço. EVA, coloridos, serve para customizar caderno”.</p> | <p>Apresentação do material</p> | <p>Reconhecimento do material</p> |
| <p>E: “Gostaria que você colocasse junto as que se parecem”. S: Fez dois montes, realizando a separação por formas, ordenando no monte do maior para o menor.</p> | <p>Pedido de descrição do material</p> <p>Pedido de classificação espontânea</p> | <p>Classificação espontânea</p> <p>Classificação por forma</p> |
| <p>E: “Você pode me explicar por que os colocou assim?” S: “Porque achei organizado e bonitinho”.</p> | <p>Pergunta de investigação</p> | <p>Classificação por forma</p> |
| <p>E: “Agora, você poderia colocá-las de outra forma utilizando estas caixas e fizesse dois montes, colocando junto as que se parecem?” S: Transfere o material da mesa para uma caixa, repetindo a mesma classificação.</p> | <p>Pedido de mudança de critério</p> | <p>Não compreendeu a consigna.</p> |
| <p>E: “Veja bem, eu pedi para que de outra forma e utilizando estas caixas fizesse dois montes, colocando junto as que se parecem”. S: Repete a mesma classificação, porém coloca primeiro nas caixas as formas pequenas e depois as maiores.</p> | <p>Pergunta de investigação</p> | <p>Classificação por forma</p> |
| <p>E: “Por que você colocou estas fichas juntas? E estas?” S: “As pequenininhas embaixo. Porque eu achei...por que sim, do menor para o maior.”</p> | <p>Pergunta de investigação</p> | <p>Explicação verbal do critério utilizado (classificação por forma)</p> |
| <p>E: Como chamaria este monte? E este? S: “Color círculos e color quadrado”.</p> | <p>Solicitação de dar nome a subclasse</p> | <p>Classificação por forma</p> |
| <p>E: “Mas, eu não tenho lugar para escrever tudo isto, poderia colocar menos palavras e igualmente saber o que há dentro de cada caixa?” S: “Círculos juntos, quadrados separados”.</p> | <p>Pedido de redução de palavras</p> | <p>Classificação por forma</p> |
| <p>E: Retirou as fichas das caixas e as colocou misturadas na mesa. “Agora, volte a juntar, mas de outra maneira, pondo juntas as que se</p> | <p>Pedido de mudança de critério</p> | <p>Classificação por forma</p> |

| | | |
|--|---|--|
| <p>parecem, fazendo dois montes nestas caixas”. S: “Só pode ser montinho?”.</p> <p>E: “O que você acha?”. S: Repete a classificação por forma, colocando-os espalhados em cada caixa, organizando menores embaixo e maiores em cima.</p> <p>E: “Você pode me explicar por que os colocou assim?” S: “Eu não queria fazer montinho”</p> <p>E: Como chamaria este monte? E este? S: “Tudo quadrado, tudo quadrado”.</p> <p>E: “Mas, eu não tenho lugar para escrever tudo isto, poderia colocar menos palavras e igualmente saber o que há dentro de cada caixa?”. S: “Círculos color, quadrados color”.</p> | <p>Pergunta de investigação</p> <p>Solicitação de dar nome à subclasse</p> <p>Pedido de redução de palavras</p> | <p>Explicação verbal do critério utilizado (classificação por forma)</p> |
|--|---|--|

ANÁLISE:

Na prova de classificação de mudança de critério (dicotomia) a criança reconheceu o material exposto, porém não compreendeu a consigna para as mudanças de critério, repetindo a classificação por forma até o final da prova, alterando somente a organização do material nas caixas.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA OPERATÓRIA | | |
|--|---|-----------------------------------|
| Nome: A. B. | Idade: 10 | |
| Prova: Conservação de quantidade de matéria (massa) 2ª APLICAÇÃO | | |
| REGISTRO | ESTRATÉGIAS DO ENTREVISTADOR | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| <p>E: Coloca duas massinhas de cores diferentes na mesa. “Você conhece esse material? Já usou ele alguma vez?” S: “Massinha. Play Doh (leu o nome da massa), tenho uma em casa. Usei com ela (aponta para a outra estagiária)”.</p> | <p>Apresentação do material</p> | <p>Reconhecimento do material</p> |
| <p>E: “Eu gostaria que você fizesse duas bolas de cores diferentes que tivessem a mesma quantidade de massa, nem mais e nem menos”. Pegou os dois potes e os abriu, separando a quantidade de massa, e fez as duas bolas de cores diferentes. Compara e acrescenta mais na azul.</p> | <p>Pedido do estabelecimento de igualdade</p> | |
| <p>E: “Elas tem a mesma quantidade de</p> | <p>Pergunta de</p> | <p>Estabelecimento</p> |

| | | |
|--|---|--|
| <p>massa?”. S: Analisa “Sim”</p> <p>E: “Escolha uma cor pra você. Essa sua vai ficar aqui a gente não vai mexer, tudo bem? Essa vai ser a minha”. S: “Azul”</p> <p>E: “Vou transformar a minha em uma salsicha”. Faz a salsicha e coloca perto da bolinha do sujeito. “E agora? A minha salsicha tem mais, menos ou a mesma quantidade de massa que a sua bolinha?” S: “Salsicha tem mais”.</p> <p>E: “Como você sabe?” S: “Você enrolou, ela ficou maior”.</p> <p>E: “Lembra que antes você disse que as duas bolas tinham a mesma quantidade. O que acha agora?”. S: “Troquei. Mesma quantidade”.</p> <p>E: “E se eu voltar a fazer a bolinha, ela vai ter mais, menos ou mesma quantidade que a sua bola?” S: “Mesma quantidade”.</p> <p>E: Refaz a bola. “E agora, como têm a sua bola e a minha?” S: “Mesma quantidade”</p> <p>E: Achata a bola, dando a forma de uma pizza. “Então, a minha pizza tem mais, menos ou a mesma quantidade de massa que a sua bola?”. S: “Mesma quantidade”.</p> <p>E: “Como sabe?” S: Você só amassou.</p> <p>E: “Mas a pizza é mais larga, você não acha que tem mais que na bola?” S: “Essa tem mais quantidade” aponta para a bola”.</p> <p>E: “Uma criança da sua idade me disse que a pizza tem a mesma quantidade de massa. Essa criança estava certa ou errada?”. S: “Certa.”</p> | <p>reafirmação</p> <p>Modificação do elemento experimental (alongamento)</p> <p>Pergunta de reafirmação</p> <p>Contra argumentação</p> <p>Proposta de retorno empírico</p> <p>Retorno empírico</p> <p>Modificação do elemento experimental (achatamento)</p> <p>Pergunta de reafirmação.</p> <p>Contra argumentação</p> <p>Contra argumentação com terceiro</p> | <p>da igualdade inicial</p> <p>Resposta não conservadora</p> <p>Resposta conservadora sem justificativa</p> <p>Resposta conservadora sem argumentação.</p> <p>Resposta conservadora argumento de identidade.</p> <p>Resposta não conservadora.</p> |
|--|---|--|

| | | |
|--|--|--|
| <p>E: "Como você sabe?" S: "Você achatou, mesma quantidade"</p> <p>E: Faz quatro bolinhas. Brigadeiro E: "Agora, eu tenho quatro bolas de brigadeiro. Você e eu comeríamos mais, menos ou a mesma quantidade de chocolate?" S: "Mais"</p> <p>E: "Como você sabe? " S: "Você só separou em quatro".</p> <p>E: "Mas eu tenho quatro bolas, não acha que tem mais quantidade?" S: "Mesma quantidade. Você só separou em quatro".</p> <p>E: "E se eu voltar a fazer uma bola, terá a mesma quantidade ou uma terá mais e outra menos? " S: "Mesma quantidade".</p> <p>E: Refaz a bola. "E agora, como têm a sua bola e a minha?" S: "Mais. Não! Mesma quantidade".</p> | <p>Pergunta de reafirmação</p> <p>Modificação do elemento experimental (divisão)</p> <p>Pergunta de reafirmação</p> <p>Contra argumentação</p> <p>Proposta de retorno empírico</p> <p>Retorno empírico</p> | <p>Resposta conservadora com argumento de identidade.</p> <p>Resposta não conservadora</p> <p>Resposta conservadora identidade.</p> <p>Resposta conservadora</p> |
|--|--|--|

ANÁLISE:

Na prova de conservação de massa, observamos que a A. reconheceu o material e estabeleceu a igualdade inicial, demonstrou está no nível intermediário, uma vez que se mostrava conservador e não conservador no decorrer da prova.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA PROJETIVA | |
|--|---|
| Nome: A. B. Idade: 10 anos | |
| Prova: Eu e meus colegas | |
| REGISTRO | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| <p>E: Apresenta o material que será utilizado, e os coloca em frente da criança. "A. B., agora eu gostaria que desenhasse você e seus colegas". S: "Deixa eu pensar. Posso desenhar alguns colegas? São muitos na sala. Não tenho amigos" Inicia o desenho de forma tranquila. Repete o movimento de se debruçar na mesa para realizar o desenho e segura a folha com toda a mão. "É minha farda: short e saia" Cantarola Enquanto desenhava escreveu o nome de cada pessoa representada.</p> <p>E: "Quem são estas pessoas? "</p> | <p>Baixa vinculação com as crianças da sua idade.</p> |

| | |
|---|---|
| <p>S: “Júlia e Ingrid. Sabe por que eu desenhei Júlia pequena? Porque ela é pequena. Ela é pequena, mas está no 5º ano, nem parece, parece que ela tem oito”.</p> <p>E: “Qual a idade delas?” S: Escreve no papel que elas têm 10 anos.</p> <p>E: “Onde vocês estão?” S: “No recreio, conversando sobre tudo”.</p> <p>E: “Você pode me explicar?” S: “Falamos sobre Musically. Sabe aquele aplicativo Musically? Sabe para que serve? Serve para dublar música, ele é muito legal. Ingrid é uma music ela tem cento e poucos seguidores.</p> <p>E: “O que você pode comentar sobre suas colegas? ” S: “Júlia é uma fofa, não para de dançar. Ela faz ballet. Ingrid ela é bem “fitness”, ela leva lanche saudável, mas não saudável assim”.</p> <p>E: “E você?” S: “Eu sou normal. Eu tenho poucos seguidores”.</p> | <p>Fala adultizada.</p> <p>Auto estima baixa.</p> |
|---|---|

ANÁLISE:

Na prova projetiva Eu e meus companheiros, a A. B. questionou se podia desenhar somente alguns colegas, pois não tem amigos e na sala são muitos. Utilizou a parte inferior da folha, desenhando ela com mais duas colegas. Limitou-se em ressaltar o que cada colega faz, suas habilidades, porém ao falar sobre ela disse: “Eu sou normal”. O desenho apresentou uma boa imagem corporal. As provas projetivas indicam uma autoestima baixa da criança, quando esta enaltece os conhecimentos das amigas e a coloca como uma pessoa “normal”.

| PROTOCOLO REGISTRO DE PROVA PROJETIVA | |
|--|---|
| Nome: A. B. | Idade: 10 anos |
| PROVA: Família fazendo o que mais gosta | |
| REGISTRO | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| <p>E: Apresenta o material que será utilizado, e os coloca em frente da criança. “A. B., agora eu gostaria que desenhasse você e sua família fazendo o que mais gosta”.</p> <p>S: Impaciente, reclama em ter que fazer mais um desenho. “A gente não gosta de fazer nada. Cada um fica</p> | <p>Desinteresse pela atividade proposta</p> |

| | |
|---|---|
| <p>no seu lugar”. “Não quero desenho”. Iniciou o desenho, demonstrando insatisfação com a solicitação e enquanto desenhava escreveu o nome de cada pessoa representada. Observou que desenhou o irmão com menos dedos, e a mãe um pouco menor, mas preferiu deixar assim mesmo.</p> <p>E: “Você pode me dizer quem são estas pessoas?” S: “Minha mãe, avó, irmão e eu”. Aponta para cada personagem no desenho.</p> <p>E: “O que vocês estão fazendo?” S: “Minha avó fica no celular, minha mãe fica no celular, eu fico no celular, meu irmão fica no celular. Todos ficam no celular. Meu irmão é um pré-adulto”.</p> <p>E: “E quando vocês saem, vão para qual lugar?” S: “Não saímos. Mas quando saímos vamos ao shopping. Menos João, porque ele não gosta. Sai eu e minha vó, eu e minha mãe, ou eu minha vó e minha mãe”.</p> | <p>Desenhou-se afastada dos outros</p> <p>Não desenhou a família fazendo o que mais gosta</p> <p>Vínculo familiar fragilizado</p> |
|---|---|

ANÁLISE:

Na prova projetiva Família fazendo o que mais gosta, a criança não demonstrou interesse na atividade, reclamou ao realizar o desenho, dizendo que a família não gosta de fazer nada. A A. B. se restringiu em desenhar ela, a mãe, avó e o irmão, não detalhando nenhuma ação em que a família estivesse envolvida, afirmou impacientemente que todos ficam no celular, que não saem com muita frequência. Na prova projetiva Família fazendo o que mais gosta, a cliente reage com desagrado diante da solicitação e produz um desenho sem ação indicando um vínculo familiar fragilizado.

| PROTOCOLO REGISTRO DA ANAMNESE Nome: A. B. Idade: 10 anos | |
|--|--|
| REGISTRO | OBSERVAÇÕES DA Pp |
| <p>A anamnese foi realizada com a avó materna (S1) e a mãe da cliente (S2).</p> <p>E: “O que você pode falar sobre a gestação e nascimento da A. B.?” S2: “Uma gravidez super desejada, planejada, estava louca por uma filha mulher, sem problemas. Nasceu com 3.800kg, ficou internada, hipoglicemia, mas saiu com dois</p> | <p>Gravidez e parto sem intercorrências.</p> |

| | |
|---|--|
| <p>dias”.</p> <p>E: ”Como ocorreu o desenvolvimento motor, engatinhou, andou, caía muito?” S1: ”Tudo direitinho, engatinhou, andou, ela não caía muito não, sempre foi corajosa”. S2: ”Foi normal, ela não caía muito não”.</p> <p>E: ”Algum problema de saúde grave?” S1: ”Não. Ela tem refluxo”. S2: ”Não tem problemas grave não, mas desde pequena tem linfonodos que causam muitas dores na barriga, mas tá bem melhor”.</p> <p>E: ”Como ocorreu a aquisição da fala?” S1: ”Ela falou tarde, com quase dois anos”. S2: ”Ela começou a falar tarde, não me recordo quando. A gente falava e ela repetia, já trocava as letras”.</p> <p>E: ”E hoje?” S1: ”Troca as letras ainda”. S2: ”Ela já melhorou muito, mas ainda troca muito. Troca T e D , F e V, P e B. E tem horas que ela fala que ninguém entende. A gente pede para ela repetir”.</p> <p>E: ”Faz acompanhamento com outros profissionais? Quem indicou a busca pelo Psicopedagogo?”. S1: ”Sim. Fonoaudióloga e Psicóloga. Procuramos por causa dessas trocas de letras”. S2: ”Sim, porque B. demorou muito para aprender a ler e a escrever. Pensávamos que ela não iria conseguir. Que ela tinha dislexia, mas a fono disse que não. A nossa última cartada foi o Kumon, foi lá que ajudou.”</p> <p>E: ”E a psicóloga?” S2: ”B. é muito sensível, tudo chora. A separação foi muito tumultuada, ela presenciou brigas, discussões. Até hoje, quando o pai não comparece financeiramente brigo com ele por telefone, ela ouve”.</p> <p>E: ”Atividades de lazer que A. B. mais gosta?” S1: ”Ela gosta de maquiagem. Brinca comigo, eu sou cobaia dela”.</p> <p>S2: ”Ela gosta de dançar fitdance, vai comigo para a academia, já acorda perguntando”.</p> <p>E: ”A. brinca com outras crianças, no prédio, na escola?”</p> | <p>Percebe-se que a psicomotricidade ocorreu de forma tranquila e satisfatória.</p> <p>Existe uma divergência nas informações.</p> <p>Indício de problemas com a fala.</p> <p>Troca de letras, supressão de palavras nas frases.</p> <p>O acompanhamento é realizado através de convênio.</p> <p>Não participa de atividades infantis, sempre acompanhada de adultos</p> |
|---|--|

| | |
|--|--|
| <p>S1: “Ela não tem muitos amigos. Ela desce e brinca com o avô, comigo. E agora ela fica no celular, assistindo tutorial de maquiagem. Na escola estão esnobando ela, tem uma tal de Larissa. Outro dia ela chegou toda arranhada da escola”.</p> <p>S2: “Ela não desce para brincar, o prédio não tem crianças. Na escola ela está com problemas. Eu ainda não fui lá. Mas segunda eu vou. Ela ontem viu a palavra zombar na atividade da escola e me disse: - É isso minha mãe que fazem comigo lá na escola. Eu sou burra. Eu não sei de nada”.</p> <p>E: “Existe alguma queixa da escola?”</p> <p>S1: “Não. Eu é que tenho queixa da escola. B. está descontente”.</p> <p>S2: “Não”.</p> <p>E: “Quem orienta A. nas atividades escolares em casa?”</p> <p>S1: “Eu, sempre eu. A mãe não tem paciência nenhuma. Se ela vai ensinar grita, fica nervosa. E B. só responde como ela quer. Ela me responde dizendo que é como ela respondeu que está certo”.</p> <p>S2: “Minha mãe. Eu não tenho paciência. Ela não lê o enunciado, não olha os exemplos e responde do jeito que ela quer. Mas também quando minha mãe está fazendo o dever com ela não deixa ela ler, já vai dizendo como é para responder. Conta de multiplicar com dois números ela não aprende de jeito nenhum”.</p> <p>E: “Tem algum fato recente que pode ter marcado A.?”</p> <p>S1: “Sim. A morte de meu pai (bisavô de A.), ele morreu em casa, foi horrível, ela era muito apegada a ele”.</p> <p>S2: “É tudo né. O pai não chama mais para sair, ela adora o irmão, de ir para casa do pai.,. mas o pai está ausente, inclusive financeiramente. Ela diz: - Minha mãe até parece que o único filho do meu pai é Jorge Otávio (irmão de 4 anos). E em dezembro/16 o bisavô faleceu, ele que mantinha a casa financeiramente, aí agora, vamos ter que nos mudar, morar com meu pai”.</p> | <p>Não interage com as outras crianças</p> <p>Criança está desvinculada da escola e dos colegas</p> <p>Acompanhamento desestruturado</p> <p>Perda de pessoas e situações importantes na vida de A.</p> |
|--|--|

ANÁLISE:

A entrevista foi realizada com a vó materna e a mãe da cliente, em dias diferentes. O pai não compareceu as sessões agendadas para a realização da

anamnese. As entrevistas ocorreram sem intercorrências, mas vale ressaltar que houve uma resistência da mãe em comparecer à sessão, sendo necessário que as estagiárias trocassem o horário do atendimento e sinalizassem a importância do seu comparecimento. A anamnese realizada permite revelar que desde o início da vida a cliente convive com situações que provocam incertezas quanto ao seu sentimento de segurança no ambiente familiar. A estrutura da família proporciona para A. um ambiente de relações fragilizadas e inconstantes. Se por um lado a avó tenta suprir afetivamente a ausência do pai, por outro a mãe, tomada por outras prioridades deixa de exercer a prática de afeto. Outro ponto de extrema importância é o longo período de ausência da dentição, percebe-se que ocorreu em um momento no qual a criança desenvolve a fala e que a falta dos dentes interfere na articulação das palavras. É possível constatar que A. não tem relações de amizade com crianças de sua idade, sempre muito presente em atividades com adultos. Apresenta interesse por maquiagem e faz uso intenso do celular para assistir tutoriais. Não participa das atividades extras escolares sozinha. Sempre acompanha a avó e/ou mãe nas atividades delas.

5.4. INFORME PSICOPEDAGÓGICO

O presente informe psicopedagógico tem como objetivo explicitar a análise realizada com A. B., no período de 19/04 à 31/05, em 9 sessões ocorridas no Serviço de Psicologia (SePsi) da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP).

Durante este período foram aplicados os seguintes instrumentos, com base na teoria da Epistemologia Convergente: Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem - EOCA, provas operatórias Piagetianas, Provas Projetivas Psicopedagógicas, atividade de avaliação da compreensão leitora e Anamnese.

Durante o período em que A. B. foi avaliada, ela demonstrou ser uma garota comunicativa, carinhosa e desinibida. Apresentou autonomia na realização das atividades, em destaque para atividades com artes, uma boa coordenação motora fina, percepção espacial bem estabelecida. Apresentava-se nas sessões com disposição e interesse em realizar as atividades e verbalizava quando estas lhe agradavam.

No entanto, foi possível analisar que A. B. encontra-se com a auto estima baixa e não possui vínculos estabelecidos com crianças da sua idade e participa ativamente de atividades adultas na maioria do tempo.

Revelou durante as atividades realizadas o vínculo negativo com aprendizagem sistemática que A. apresenta com o material escolar, destacando o afastamento da escrita e da leitura. Se envolve com atividades ligadas a pintura e desenho e apresenta autonomia na execução.

A. B., durante a fala a escrita e na leitura troca algumas letras (D/T, P/B, F/V) e suprime algumas palavras, entretanto consegue fazer a compreensão de textos e consegue acessar conhecimentos anteriores para conexão de informações. Tais dificuldades, possivelmente estão relacionadas a fase de desenvolvimento da linguagem, considerando situações vivenciadas por A. B., nesta etapa

A. encontra-se em transição do estágio pré-operatório para o operatório concreto, o que é esperado para a sua faixa etária observando-se alguns aspectos que necessitam de uma atenção especial: ausência de argumentos para comunicar suas respostas, falta de sistematização para verificar informações (respostas por ensaio e erro), falta de percepção sobre suas respostas e condutas.

Manifestou uma conduta evitativa em relação a leitura e a escrita. Nas análises das provas projetivas psicopedagógicas foi possível perceber que A. encontra-se com dificuldades com a aprendizagem sistemática o que dificulta a superação dos obstáculos. A. B. encontra-se desvinculada dos colegas, se sente inferior e apresenta afastamento e dificuldade no relacionamento com estes. Outro ponto de análise realizado nas provas projetivas foi o vínculo familiar que se encontra fragilizado.

Diante do exposto indicamos um acompanhamento Psicopedagógico a fim de intervir no seu “modelo de aprendizagem” de forma mais efetiva, ativar o seu pensamento operatório, contribuindo assim, para o desenvolvimento de todo o potencial que possui, restabelecendo a sua autoconfiança e a sua autonomia nos estudos escolares.

É de grande importância a continuidade dos atendimentos que já vem realizando com a fonoaudióloga e com a psicóloga. Destacamos a importância de um trabalho interdisciplinar integrado a fim de melhores resultados.

5.5. DEVOLUTIVA

| PROTOCOLO REGISTRO DA DEVOLUTIVA | |
|--|---|
| Nome: A. B. | Idade: 10 anos |
| REGISTRO | CONDUTAS DO ENTREVISTADO |
| <p>A devolutiva foi realizada com o pai da criança, senhor R., que compareceu a sessão também com o seu filho do segundo casamento.</p> <p>Inicialmente as estagiárias se apresentaram e foi lembrada a queixa inicial trazida pela família e quais foram os procedimentos adotados no decorrer do trabalho desenvolvido.</p> <p>No decorrer da explicação o pai quis ressaltar o motivo pelo qual não pode comparecer na Anamnese e algumas questões relacionadas à mãe da A. B., a senhora R..</p> <p>Pai: “Fiquei muito preocupado por causa da incompatibilidade dos horários. Minha filha é muito carinhosa, uma criança maravilhosa, muito sofrida, principalmente por conta da separação. A mãe é incontrolável, passa todos os problemas para os filhos, tudo é na frente deles. Faz grosserias com a avó e fica me ameaçando que vai me tirar a guarda. Ela se diz sofrida, mas quem já sofreu muito fui eu. Passei muito tempo desempregado, a situação financeira está difícil, não estou ganhando muito, então R. não entende esta situação e fica cobrando toda hora. Para eu sair com meus filhos eu preciso de dinheiro, até mesmo para ficarem lá em casa, então fica complicado”.</p> <p>Dando prosseguimento, foi realizada então a leitura do informe, sendo pontuadas as áreas pedagógica, cognitiva e social da A. B.. Informando também os aspectos positivos da criança.</p> <p>Finalizando com as indicações necessárias e as recomendações.</p> <p>Pai: “Não se preocupe, estarei passando para R. o papel e irei procurar uma tia minha que é psicóloga para me ajudar nesta situação. O problema é que trabalho final de semana agora, acredito que só no outro para resolver isso”</p> <p>Estagiária: “Bom! Gostaria de enfatizar sobre a importância da A. B. receber acompanhamento psicopedagógico, a fim de intervir no seu “modelo de aprendizagem” de forma mais efetiva. Pois se ela já faz atendimento</p> | <p>Família desestruturada</p> <p>Justifica sua ausência por conta dos problemas financeiros que passa</p> |

psicológico, não é?!

Pai: Ficou em dúvida se a filha estava fazendo o acompanhamento psicológico. “Não lembro se ela está fazendo. Ah! É verdade, como estava tendo um problema com o plano de saúde, então fiquei na dúvida se ela estava fazendo atualmente. Tudo bem.”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, nas pesquisas realizadas sobre a Epistemologia Convergente, desenvolvida por Jorge Visca, percebe-se que o mesmo influenciou grandemente o meio acadêmico, principalmente para a Psicopedagogia. Levando-nos a compreender a grande relevância do psicopedagogo se qualificar sempre, aperfeiçoando-se em todos os aspectos que contribuirá para suas ações psicopedagógicas. Então, por meio de técnicas e embasamento teórico, o psicopedagogo possibilita uma intervenção efetiva, uma vez que este profissional é uma ferramenta muito importante no auxílio da aprendizagem.

Com efeito, compreende-se de fato que o campo de atuação do psicopedagogo é o estudo do processo de aprendizagem, diagnóstico e tratamento. Sendo o diagnóstico psicopedagógico uma investigação dos problemas apresentados pelo sujeito, que o levam ao não aprender. Barone (1987, p.19) acrescenta “que a tarefa do psicopedagogo é levar a criança a reintegrar-se à vida escolar normal, segundo suas possibilidades”.

Assim, este profissional não irá favorecer somente com o desenvolvimento do sujeito, como também colaborar com a evolução da sociedade, uma vez que o mesmo alcança seus objetivos a partir da compreensão das dificuldades de aprendizagem encontradas no outro, e assim propõe a ajuda-lo, transformando a visão de si mesmo.

Ante ao exposto, a atuação psicopedagógica é de suma relevância nos tempos atuais para o desenvolvimento integral do sujeito, e isso alcança também o meio em que vive, não só o campo educacional.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Laura Monte Serrat. A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar. Curitiba: Expoente, 2001.

BARONE, Leda Maria Codeço. Considerações a respeito do estabelecimento da ética do psicopedagogo. In SCOZ, Beatriz Judith Lima, LINHARES, Célia Frazão, (et al.) Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PIAGET, Jean. Seis estudos de Psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

SILVA, Maria Cecília Almeida. Psicopedagogia – A busca de uma Fundamentação Teórica. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

VYGOTSKY, L S A. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VISCA, Jorge. Clínica Psicopedagógica: Epistemologia Convergente. Segunda tradução. Tradução: Laura Monte Serrat Barbosa. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2010.

_____. Clínica Psicopedagógica – Epistemologia Convergente, Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

_____. O diagnóstico operatório na prática psicopedagógica. São José dos Campos, Pulso, 2008.

_____. Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação. 5ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Visca e Visca Ediciones, 2015.

WEISS, Maria Lucia Lemme. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.